

ZERO4 CINECLUBE: CINEMA E RESISTÊNCIA

RAQUEL ROMEIRO ALVES¹; ANDRÉ DE LIMA BERZAGUI²; LAUREN MATTIAZZI DILLI²; RUBENS FABRÍCIO ANZOLIN²; IVONETE PINTO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – rowanromeiro@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – a_berzagui@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – laurenmdilli@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rubensfabricioanzolin@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – ivonetepinto02@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Surgido no início do século XX na França, o movimento cineclubista tem como ação reconhecer o cinema como base cultural e social, reunindo um público em volta da arte cinematográfica e suas discussões. O movimento em seus anos iniciais possuiu um caráter restrito – tanto na Europa quanto na sua chegada ao Brasil no final dos anos 20 – sendo frequentado e mantido por realizadores cinematográficos e intelectuais.

A partir dos anos 1950, a popularidade do movimento se multiplica e inicia-se um processo de organização de associações cineclubistas em diversos âmbitos de representatividade e interesse. O movimento passa a estar ligado à universidade e organizações estudantis e se expande quanto ao acesso e promoção de debates. A trajetória cineclubista também é marcada por uma contracorrente à grande indústria cinematográfica, estimulando assim produções e distribuições independentes. Debatendo questões estéticas, culturais, sociais e políticas o movimento cineclubista também se coloca como um espaço de resistência dentro do campo cinematográfico.

Em Pelotas, o movimento cineclubista está em sua totalidade ligado aos cursos de Cinema e Audiovisual, Cinema de Animação e Filosofia, possuindo três cineclubs em funcionamento (Zero4 Cineclube e Cineclube Cassiopeia dos cursos de Cinema e o Ciclo de Cinema Mulheres em Tela do curso de Filosofia). No ano de 2019 o Zero4 Cineclube completa cinco anos de atividades. O projeto de fato nasce em 2010, com o nome de Zero 3 Cineclube, sempre conduzido pelos estudantes de cinema da UFPel. A partir de 2014 é batizado de Zero4 Cineclube e se coloca como um movimento de resistência cultural em relação ao momento político brasileiro. Trata-se também, paradoxalmente, do primeiro ano em que as sessões e debates do projeto encontram-se restritas apenas à comunidade acadêmica dos cursos de Cinema da UFPel, em razão da interdição, para o público externo, provocada por um incêndio no prédio em que a sala Cine UFPel está situada.

Este trabalho se propõe, então, a tratar das ações do Zero4 Cineclube dentro dessa restrição e dos modos que foram adotados para que tenha prosseguimento aos debates em torno de correntes de pensamentos e manifestações culturais, através de cinematografias nacionais, independentes e periféricas. Reforça-se também o papel do movimento cineclubista como uma manifestação política e cultural com características próprias, mas historicamente relevante na compreensão social através do cinema e nos modos de se fazer cinema.



2. METODOLOGIA

Ao fim do ensaio *Corpo da Obra*, Jean-Claude Bernardet (1982, p. 37) faz uma defesa concisa acerca da tipologia e da temática dos filmes a serem reproduzidos em mostras e cineclubes: “São expressões das lutas sociais as tensões, contradições, conflitos ideológicos e estéticos que existem ao nível das obras e de suas relações com os diversos públicos”.

Tal defesa do teórico, aborda especialmente a questão de uma limitação na relação entre os programadores/curadores de mostras e o público, construindo uma severa crítica aos cineclubistas que limitavam seus espectadores de esferas mais baixas a modelos de filmes que lhes parecessem mais acessíveis. Neste ano, o Zero4 Cineclube enfrentou questões similares que abordam as limitações em relação ao público, tendo as sessões sido destinadas apenas aos alunos dos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação.

As atividades de 2019 se iniciaram com sessões especiais que trouxeram filmes luso-brasileiros lançados entre 2017 e 2018. Foram exibidas as obras *António um dois três* (Leonardo Mouramateus, 2017), *Raiva* (Sérgio Tréfaut, 2018) e *Antes do fim* (Cristiano Burlan, 2017). As sessões tiveram como propósito apresentar ao público obras cinematográficas brasileiras e/ou de co-produção com o Brasil. A partir disso se demarca, para o ano de 2019, uma curadoria voltada para o cinema nacional.

Sendo assim, a primeira mostra de 2019 recebeu o título de *Cinema Político e Social Brasileiro*. Realizada entre os meses de junho e julho, a mostra elegeu filmes que trouxessem complexidades estéticas e formais diversas, apontando sempre para o debate e os confrontamentos do campo político como forma de conversar com o contemporâneo. Nesse sentido, foram selecionadas obras de décadas diversas – na tentativa de abranger a complexidade do momento político do país por diferentes abordagens – sendo a primeira delas *Eles Não Usam Black-Tie* (Leon Hirszman, 1981). O filme traz à tona as questões grevistas dos anos do Governo Militar, relacionando-se de maneira muito frontal ao espectador. Dando segmento à mostra, aliamos dois filmes de caráter estético muito diversos, laureados especificamente pelos seus projetos de direção nos festivais internacionais, mas que carregam em seu âmago uma mesma temática: a situação social do Sertão e suas políticas. *Os Fuzis* (Ruy Guerra, 1964) e *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* (Glauber Rocha, 1969) contribuíram para repensar a forma como lidamos com a situação da miséria na cultura brasileira, da mesma maneira que possibilitou – apesar de sua diversidade de escola cinematográfica – repensar as amarras políticas que se procedem no contemporâneo.

Por fim, dois filmes de absoluta consagração encerraram nossa mostra, *Cabra Marcado Para Morrer* (Eduardo Coutinho, 1984) e *Branco Sai Preto Fica* (Adirley Queirós, 2015). Mesmo que sejam filmes de espectros regionais diferentes, um do gênero documental e o outro mais próximo de um híbrido, as duas obras trouxeram fizeram emergir a reflexão acerca da territorialidade na luta política do Brasil. *Cabra Marcado Para Morrer*, através do processo de desmantelamento de uma família camponesa (e do processo de realização do filme em si) pela intervenção da ditadura militar, *Branco Sai Preto Fica* em função das separações de territórios concebidas na construção de Brasília, através do Plano Piloto, atribuindo à sua consumação estética diversos artifícios do processo social e urbano recente do País.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2019, o Zero4 Cineclube completa cinco anos de funcionamento e residência no Cine UFPel, sendo este o primeiro ano em que seu acesso foi limitado à comunidade acadêmica dos cursos de Cinema. Apesar da perda significativa de público em decorrência disso, as atividades do projeto não foram encerradas, pois a programação e os debates foram direcionados para os cursos de Cinema, e buscamos trazer para estes filmes, que muitas vezes fazem parte da nossa formação, mas ressaltamos a importância destas obras no contexto social e político. Cinematografias atuais e que frequentemente os acadêmicos dos cursos não possuem acesso também foram inseridos nessa nova proposta. Assim, o Zero4 passa a fortalecer a sua forma de ser resistência em meio às dificuldades do ensino superior público no Brasil.

A partir dos debates realizados nas sessões é possível perceber o quanto positivo foi a recepção do público com a mostra **Cinema Social e Político Brasileiro**. Essas conversas proporcionaram uma reflexão acerca do fato de que as temáticas presentes nos filmes selecionados, mesmo sendo majoritariamente das décadas de 60, 70 e 80, ainda se encaixam no cenário político brasileiro atual. Os espectadores demonstraram muito interesse em discutir essas questões, como também quais foram os métodos de abordagem que os diretores utilizaram para desenvolver essas narrativas.

Com relação à continuidade do projeto, o Cineclube retomou as suas atividades no final do mês de agosto com sessão especial, exibindo **No Coração do Mundo** (2019), filme brasileiro dirigido por Gabriel Martins e Maurílio Martins, que teve estreia no circuito comercial do país em 1º de agosto de 2019, porém não chegou aos cinemas de Pelotas. O filme foi cedido pelos diretores para a sua exibição no Zero4 Cineclube, tendo como propósito impulsionar a participação da comunidade acadêmica dos cursos de Cinema quanto ao projeto.

No mês de setembro, o projeto retoma sua programação com a mostra **Câmera, Balbúrdia & Neon**, cuja proposta é discutir assuntos que permeiam a sociedade e suas facetas, bem como o contexto dos novos modos de se fazer cinema por meio de paródias e personagens caricatos. Através de obras distintas, excêntricas, estranhas e, até mesmo, absurdas procuramos oferecer elementos para pensar questões urgentes do mundo contemporâneo. Os filmes a serem exibidos são **Divino Amor** (Gabriel Mascaro, 2019), **Sol alegria** (Tavinho Teixeira, 2018), **Doce amianto** (Guto Parente, Uirá dos Reis, 2013) e **Diamantino** (Gabriel Abrantes e Daniel Schmidt, 2018).

4. CONCLUSÕES

Considerando as ações e propostas para ano de 2019, o Zero4 Cineclube se coloca novamente como um espaço de discussão cinematográfica e social, tendo compromisso com o cinema como arte, como modo necessário para se compreender as práticas sociais e políticas e, mais importante, mantemos o compromisso de proporcionar ao público um espaço de construção de pensamentos relacionados aos modos de se fazer cinema e como estes estão ligados intrinsecamente à formação social. Neste ano, buscamos mais especificamente levar estes debates à comunidade acadêmica dos cursos de Cinema, de modo que as discussões influenciam nas formas que vemos e fazemos cinema.



Em linhas gerais, o grande objetivo do Zero4 Cineclube é de estimular os estudos culturais e sociais, tal como foi proposto no início do movimento cineclubista. Se colocando também como um espaço de sobrevivência e resistência neste atual cenário político, buscando compartilhar e criar bases culturais e subjetivas, permitindo e mediando contato com a linguagem cinematográfica a fim de produzir mudanças sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Raquel Romeiro. **Zero Quatro Cineclube: o cosmo da cinefilia pelotense.** Anais do Congresso de Ensino de Graduação da UFPel, Pelotas, n. 4, 2018. Online. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2018/LA_02473.pdf
- BERNARDET. Jean-Claude. **Piranha no mar de rosas.** São Paulo: Papirus, 1982.
- BUTRUCE, Débora. Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história. Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 16, n° 1, p. 117-124, 2003. Online. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/140>
- LISBOA, F. S. G. O cineclubismo na América Latina: idéias sobre o projeto civilizador do movimento francês no Brasil e na Argentina (1940-1970). ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.
- SARAIVA, Matheus Strelow. MENEZES, Gustavo Ferreira. ACEDO, Rodrigo Alves. **Zero quatro cineclube.** Anais do Congresso de Extensão e Cultura da UFPel, Pelotas, n. 4, p. 272-277, 2017. Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2018/07/Cultura.pdf>
- STECZ, Solange Straube. **Movimentos cinematográficos na América Latina.** Rcient./FAP, Curitiba, v.4, n.2 p.196-207, jul./dez. 2009. Online. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1616>